

OS LUSÍADAS

1. Estrutura externa e estrutura interna.

Estrutura externa

- Os Lusíadas estão divididos em dez cantos
- Cada canto tem um número variável de estrofes, que, no total, somam 1102.
- O poema está escrito em versos decassilábicos. (com predomínio do decassílabo haróico: acentuação na 6ª e 10ª sílabas).
- As estrofes são todas oitavas.
- O esquema é o seguinte: "abababcc" (rimas cruzadas, nos seis primeiros versos, e emparelhada, nos dois últimos).

Estrutura interna

Camões respeitou com bastante fidelidade a estrutura da epopeia.

Proposição - O poeta começa por declarar aquilo que se propõe fazer, indicando de forma sucinta o assunto da sua narrativa; propõe-se, afinal, tornar conhecidos os navegadores que tornam possível o império português no oriente, os reis que promoveram a expansão da fé e do império, bem como todos aqueles que se tornam dignos de admiração pelos seus feitos.

Invocação - O poeta dirige-se às Tágides (ninfas do Tejo), para lhes pedir o estilo e eloquência necessários à execução da sua obra; um assunto tão grandioso exigia um estilo elevado, uma eloquência superior; daí a necessidade de solicitar o auxílio das entidades protectoras dos artistas.

Dedicatória - É a parte em que o poeta oferece a sua obra ao rei D. Sebastião. A dedicatória não fazia parte da estrutura das epopeias primitivas; trata-se de uma inovação posterior, que reflete o estatuto do artista, intelectualmente superior, mas social e economicamente dependente de um mecenas, um protector.

Narração - Constitui o núcleo fundamental da epopeia. Aqui, o poeta procura concretizar aquilo que se propôs fazer na "proposição".

2. Planos estruturais da narrativa

Os **planos temáticos** da obra são:

Plano da Viagem - onde se trata da viagem da descoberta do caminho marítimo para a Índia de Vasco da Gama e dos seus marinheiros;

Plano da História de Portugal - são relatados episódios da história dos portugueses;

Plano das considerações do Poeta - Camões refere-se a si mesmo enquanto poeta admirador do povo e dos heróis portugueses;

Plano da Mitologia - são descritas as influências e as intervenções dos deuses da mitologia greco-romana na acção dos heróis.

3. Resumo dos vários episódios da obra.

A Proposição (canto I)

A finalidade da proposição, na epopeia, é a enunciação do assunto que o poeta se propõe tratar. N' *Os Lusíadas*, Camões pretende cantar os feitos gloriosos do povo português ("o peito ilustre lusitano"). Estrutura a sua proposição em duas partes: nas duas estâncias iniciais, enuncia os heróis que vai cantar; na segunda parte, constituída pela terceira estrofe, estabelece um confronto entre os portugueses e os grandes heróis da Antiguidade, afirmando a superioridade dos primeiros sobre os segundos. O herói desta epopeia é colectivo e o próprio título é inequívoco: *Os Lusíadas* são os portugueses - todos, não apenas os passados, mas até os presentes e futuros, na medida em que assumam as virtudes que caracterizam, no entendimento do poeta, o povo português.

O poeta pretende cantar e tornar imortais:

- **Os homens ilustres** que fundaram o império português do Oriente
- **Os reis, de D. João I a D. Manuel** que expandiram a fé cristã e o império português
- **Todos os portugueses** dignos de admiração pelos seus feitos.

Consílio dos Deuses (canto I)



No Canto I, destaca-se o **Episódio do Consílio dos Deuses no Olimpo**. Os deuses reúnem-se em "consílio glorioso" para decidir sobre o destino dos Portugueses no Oriente. Não estava em causa a chegada dos Portugueses ao Oriente, pois essa já tinha sido determinada pelo destino, tratava-se, sim, de decidir se os deuses ajudariam ou não os portugueses a chegar rapidamente e de um modo seguro à Índia. Júpiter, o pai dos deuses, serve-se de Mercúrio, o deus mensageiro, para convocar todos os deuses que vão chegando de todas as partes do planeta. Os deuses sentem-se segundo a hierarquia que dá mais importância aos deuses mais antigos.

Júpiter inicia o seu discurso, começando por lembrar a todos os deuses que os portugueses eram um povo guerreiro e corajoso que já tinha conquistado o país aos mouros e vencido por diversas vezes os temidos castelhanos. Refere, ainda, as antigas vitórias de Viriato, chefe lusitano, frente aos romanos e termina o seu discurso, chamando a atenção dos deuses para os presentes feitos dos portugueses que corajosamente, lutando contra tantas adversidades, empreendiam importantes

viagens pelo mundo e que por isso, mereciam ser ajudados na passagem pela costa africana.

Baco, o deus do vinho, insurge-se de imediato contra os portugueses, pois sentia uma enorme inveja pela imensa glória que o destino lhes reservava. Na Índia, prestava-se culto a Baco e temia ser esquecido com a chegada dos portugueses.

Vénus, a deusa da beleza e do amor, apoia Júpiter, pois vê reflectida nos portugueses a força e a coragem do seu filho Eneias e dos seus descendentes, os romanos.

Após as intervenções de Baco e de Vénus, todos os deuses se lançam numa feroz discussão comparada pelo poeta a uma temível tempestade, até que Marte, o deus da guerra, tome a palavra. Marte decide-se também a favor dos portugueses, pois simpatiza com o facto de ser um povo guerreiro e por ainda estar apaixonado por Vénus. Marte consegue convencer Júpiter a não abdicar da sua decisão e assim, os portugueses serão recebidos num porto amigo.

No final, Júpiter inclinou a cabeça em sinal de consentimento, e desfez a reunião, tomando a decisão de ajudar os portugueses na sua viagem para a Índia.

Inês de Castro (canto III)



A história e o mito que envolvem os amores de D. Inês de Castro e D. Pedro têm servido como tema para várias obras literárias. Desde autores nacionais a estrangeiros; autores de séculos distantes a autores nossos contemporâneos, a verdade é que a morte de Inês de Castro tem servido de inspiração literária e, por tal, esta história de amor portuguesa superou a temporalidade.

Os factos narrados neste episódio aconteceram durante o reinado de D. Afonso IV, após o triunfo contra os Mouros na Batalha do Salado (1340). A estância 119 consiste numa reflexão do narrador que responsabiliza o Amor pela morte de Inês de Castro. D. Inês encontrava-se em Coimbra. É-nos descrito o seu estado de espírito: serena, apaixonada, despreocupada, saudosa do seu amado. A natureza reflecte este estado de alma _ "saudosos campos do Mondego". Na estância 122, o poeta dá-nos conta dos factores que conduziram à morte de D. Inês:

- As loucuras cometidas devido à intensa paixão que unia D. Inês e D. Pedro;
- O murmurar do povo;
- O capricho de D. Pedro que se recusava a casar com outra dama.

O repúdio do narrador pelos agentes da condenação de Inês contrasta com a simpatia que ele nutre pela personagem, como podemos constatar através da adjectivação: Agentes da condenação Inês de Castro

- "horríficos algozes"
- "com falsas e ferozes Razões"
- "duros ministros"
- "avô cruel"
- "fraca dama delicada"
- "tristes e piedosas vozes"
- "olhos piedosos"
- meninos "tão queridos e mimosos"

A intervenção de Inês de Castro, pejada de dramatismo, é preparada quer pela piedade que a figura suscita, indefesa perante os "algozes", quer pela forma como, banhada em lágrimas, olha os filhos inocentes diante do "avô cruel". O dramatismo aumenta de tom:

- Pelos exemplos de protecção às crianças dados pelos animais mais selvagens;
- Pelo pedido de clemência de Inês para os filhos. Já que o rei mostrara coragem ao tirar a vida aos Mouros, deveria agora demonstrar a mesma coragem dando-lhe a vida;
- Pelo pedido de desterro em nome da sua inocência;
- Pela insinuação de que achará mais piedade entre os animais selvagens do que entre os homens;
- Pelo refúgio comovente na lembrança do amado e no consolo dos filhos. O rei ainda duvida que a sua decisão seja a mais correcta, mas o povo e os conselheiros exigem a morte de D. Inês. O narrador não se coíbe de condenar a morte de Inês:
- Na forma como adjectiva os apoiantes da sua morte: "peitos carniceiros", "brutos matadores", "fervidos e irosos";
- Na comparação do seu caso com outros actos cruéis e aberrantes;
- Na ironia que subjaz à questão: "Contra hua dama, ó peitoscarniceiros, /Feros vos mostrais e cavaleiros?".

Inês de Castro é barbaramente executada, num acto cobarde, comparado pelo poeta a outros assassínios terríveis que povoaram as tragédias gregas.

Em jeito de conclusão, Camões mostra a própria Natureza entristecida diante do crime, chorando a "morte escura" da donzela, perpetuando a fatalidade numa fonte pura de onde correm lágrimas em vez de água, que recordará para sempre tais Amores.

Despedidas de Belém (canto IV)



O tema deste episódio é a partida dos marinheiros da praia do Restelo e a despedida dos seus familiares e amigos. D. Manuel começa por aludir o patriotismo dos marinheiros ("com mais amor se apercebessem") e o ânimo com que devem resistir a todas as dificuldades ("trabalhos").

Em seguida, é feita uma localização espácio-temporal da acção e assistimos ao alvoroço que antecede a partida. As naus estão prontas e os marinheiros reúnem-se, em oração, na ermida de Nossa Senhora de Belém.

As estâncias seguintes dão-nos conta do sofrimento dos que partem e dos que ficam. Vasco da Gama, emocionado ("apenas nos meus olhos ponho o freio"), dá-nos a conhecer a dúvida e o receio que ele próprio sentiu no momento da partida.

O narrador refere ainda a multidão que veio assistir à partida e que vive antecipadamente a saudade e a tristeza ("saudosos na vista e descontentes"). A dor dos que ficam ganha dramatismo nos "suspiros" dos homens e no "choro" das mulheres, mães, esposas e irmãs, assaltadas pelo desespero e pelo medo de não voltarem a ver aqueles que amam.

Assistimos ao discurso de uma mãe, figura colectiva, símbolo da velhice que se abandona. As suas palavras são de incompreensão e perplexidade perante o abandono a que é votada pelo filho aventureiro que embarca para a morte. Em seguida, fala uma esposa, também uma figura colectiva, cujo discurso deixa transparecer a dor sentida devido à separação. Trata-se de um belo discurso de amor conjugal, cheio de ternura e responsabilidade ("Porque is aventurar em mar iroso / Essa vida que é minha e não é vossa?").

A dor dos que partem é ampliada pela visão de dor dos que ficam, o que faz apressar a partida para evitar desistências. Por fim embarcam e Vasco da Gama ordene que não se façam despedidas habituais, pois acredita que, desta forma, diminui o sofrimento dos que partem e dos que ficam.

Existe uma alternância de planos ao longo de todo o episódio:

1. Plano de conjunto:
 - 1.1- a gente da cidade;
 - 1.2- as gentes.
2. Plano de pormenor:
 - 2.1- as mulheres:
 - 2.1.1- mães;
 - 2.1.2- esposas;
 - 2.1.3-irmãs;
 - 2.2- os homens.
3. Grande plano:
 - 3.1- a mãe;
 - 3.2- a esposa.
4. Plano de conjunto:
 - 4.1- os velhos;
 - 4.2- os meninos;
 - 4.3- os montes.

Adamastor (canto V)



Cinco dias após a paragem na Baía de Santa Helena, a armada chega ao Cabo das Tormentas e é surpreendida pelo aparecimento de uma figura mitológica criada por Camões, o Adamastor. Várias manifestações indiciam o aparecimento do gigante:

- Subitamente, nos ares surge uma nuvem, "temerosa" e "carregada" que o céu escurece;
- O mar brame ao longe "como se desse em vão nalgum rochedo".

Estes indícios de perigo iminente, que tolhem de medo os marinheiros ("arrepiam as carnes e o cabelo"), levam Vasco da Gama a invocar o nome de Deus. O herói surge, assim, humanizado diante do perigo e do desconhecido.

O gigante Adamastor é descomunal ("figura robusta e válida", "disforme e grandíssima estatura", "tão grande era de membros", "Colosso") e assustadora ("rosto carregado", "barba esquelética", "olhos encovados", "postura medonha e má", "cor terrena e pálida", os cabelos "crespos" e "cheios de terra", "boca negra", "dentes amarelos").

As primeiras palavras de Adamastor acabam por ser um elogio aos Portugueses:

- Pela ousadia que os coloca acima de outros povos;
- Pela sua persistência;
- Pela proeza de terem cruzado mares desconhecidos ("Nunca arados de estranho ou próprio lenho").

Em seguida, o gigante profetiza:

- A tempestade que há-de fustigar a armada de Pedro Álvares Cabral;
- O naufrágio de Bartolomeu Dias;
- Muitos outros naufrágios;
- Naufrágio e morte de D. Francisco de Almeida;
- Naufrágio de Sepúlveda.

Note-se que todas estas profecias são **post-eventum**, uma vez que as desgraças a que Adamastor se refere já tinham acontecido quando Camões escreveu *Os Lusíadas*. A pedido de Vasco da Gama, o gigante revela a sua identidade e inicia o relato da sua história. Esta interpelação não é inocente, pois Adamastor representa o desconhecido, o mistério e o medo que lhe está associado. Com a revelação da sua identidade tudo isto desaparece. Passa-se do desconhecido ao conhecido.

Quando inicia a sua história, o gigante humaniza-se o que é perceptível desde logo na "voz pesada e amara", longe do tom "horrendo e grosso" com que amedrontara os marinheiros. Note-se ainda como se apequena, dominado pelo sofrimento: "Da mágoa e da desonra ali passada", "de meu pranto e de meu mal", "chorando andava meus desgostos", mais dobradas mágoas", "cum medonho choro".

No seu discurso, Adamastor revela a sua identidade e inicia o relato da sua história. Apaixonara-se pela bela ninfa Thétis que o rejeitara, porque era feio ("grandeza

feia do seu gesto"). Decidiu, então, "tomá-la por armas" e contou o seu propósito a Dóris, mãe de Thétis. Esta vai servir de intermediária entre o gigante e a ninfa. A resposta de Thétis é ambígua, mas ele acredita na sua boa fé. Quando, uma noite, julgava abraçar e beijar a ninfa, achou-se agarrado a um monte e viu-se ele próprio transformado noutro monte ("junto dum penedo, outro penedo"). Também os deuses o traíram, transformando-o num cabo sempre rodeado pela amada (o mar) sem nunca lhe poder tocar. Geograficamente, o Adamastor é o Cabo das Tormentas ("Eu sou aquele oculto e grande Cabo / A quem chamais vós outros Tormentório"); na mitologia, é o temível gigante vencido pelo amor a Tétis; simbolicamente, representa os obstáculos, as dificuldades a vencer, os perigos do mar, as forças do mal, o desconhecido. A vitória de Vasco da Gama representa a passagem do desconhecido ao conhecido, a superação do medo, a derrota das forças do mal.

A Tempestade (canto VI)



A narrativa prossegue com o relato da viagem pela voz do narrador de *Os Lusíadas*, como se pode verificar pelo uso da terceira pessoa.

Rebentada a tempestade, uma personagem ganha protagonismo, o Mestre.

Determinado, orienta a tripulação gritando e repetindo as suas ordens, acima do barulho da tempestade.

O poeta descreve a força dos elementos:

- A força dos ventos;
- O movimento assustador das ondas;
- O relampejar na noite negra.

Os efeitos da tempestade são visíveis:

- Nos estragos feitos nas embarcações: destruição das velas e dos mastros e inundação das naus;
- No comportamento dos seres vivos: o canto triste dos pica-peixes e o refúgio dos golfinhos no fundo do mar;
- Na destruição da natureza: montes destruídos, árvores arrancadas, areias revolvidas.

Vasco da Gama é, de novo, o herói humano, "confuso de temor", receoso pela sua vida, que pede ajuda a Deus. A sua súplica assenta em três pontos:

- O reconhecimento da onipotência divina e das suas intervenções;
- O objectivo de dilatação da fé que anima a viagem;

- O facto de ser preferível uma morte heróica e reconhecida por todos, em África, a combater pela fé cristã, do que um naufrágio anónimo.

Apesar desta súplica, a tempestade continua a fustigar violentamente a armada. É então que Vénus decide interceder pelos Portugueses e ordena às ninfas que coloquem grinaldas na cabeça e abrandem a força dos ventos.

A tempestade termina e os Portugueses avistam a Índia.